

FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO: DOS PRIMÓDIOS CULTURAIS A EXPLOSÃO DOS KARAOKÊS

Matheus Fellipe Sanches dos Santos Magre da Silva¹

Stephanie Leite Gomes²

Viviane Espírito Santo Rodrigues³

Resumo: O trabalho aborda a presença de diferentes referências culturais na tradicional Feira nordestina de São Cristóvão e a visão do público em relação as suas mudanças. O espaço da Feira, formalmente nomeado Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas localiza-se no bairro de São Cristóvão, é conhecido por ser uma grande representação do “nordeste brasileiro” dentro do estado do Rio de Janeiro, atraindo e misturando cariocas, nordestinos e turistas de dentro e fora do país. Desde sua formação como espaço destas tradições, na década de 1940, muitas intervenções aconteceram em consequência dos processos como a globalização e a aculturação, que vêm transformando seu ambiente de diferentes formas. Diante disso, a inserção de karaokês na Feira é um dos maiores motivos para alguns frequentadores estarem ali, motivando a indagação sobre sua contribuição para a presença do público jovem. A partir dos relatos coletados na pesquisa de campo e compilados em gabinete, foi possível analisar as diferentes percepções existentes entre frequentadores e trabalhadores do local sobre as mudanças desse lugar, o aumento na quantidade de karaokês e o questionamento sobre as raízes nordestinas da Feira estarem se perdendo ou não.

Palavras-chave: Feira Nordestina; Aculturação; Paisagem; Karaokê; Público Jovem.

INTRODUÇÃO

Um dos pontos turísticos mais populares da cidade do Rio de Janeiro, o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, mais conhecido como Feira de São Cristóvão, Feira Nordestina ou Feira dos Paraíbas, situada no bairro de São Cristóvão, é um local que atrai diversos frequentadores diariamente. O Pavilhão de 160 mil metros quadrados, com estrutura projetada pelo arquiteto brasileiro Sérgio Bernardes, possui dois palcos principais posicionados nas extremidades, a praça dos repentistas, pequenos palcos, além de lojas distribuídas por todo espaço com opções de atrações e produtos para todos

¹ Graduando do Curso Bacharelado em Produção Cultural, pelo IFRJ, campus Nilópolis. E-mail: fellipeshield@gmail.com

² Graduanda do Curso Bacharelado em Produção Cultural, pelo IFRJ, campus Nilópolis. E-mail: stephanieleite.contato@gmail.com

³ Doutora em Geografia, Professora do Curso Bacharelado em Produção Cultural, do IFRJ, campus Nilópolis. E-mail: Viviane.rodrigues@ifrj.edu.br

os gostos, resultando em um grande espaço facilmente notado por quem passa em suas proximidades, como é possível observar na figura 1.

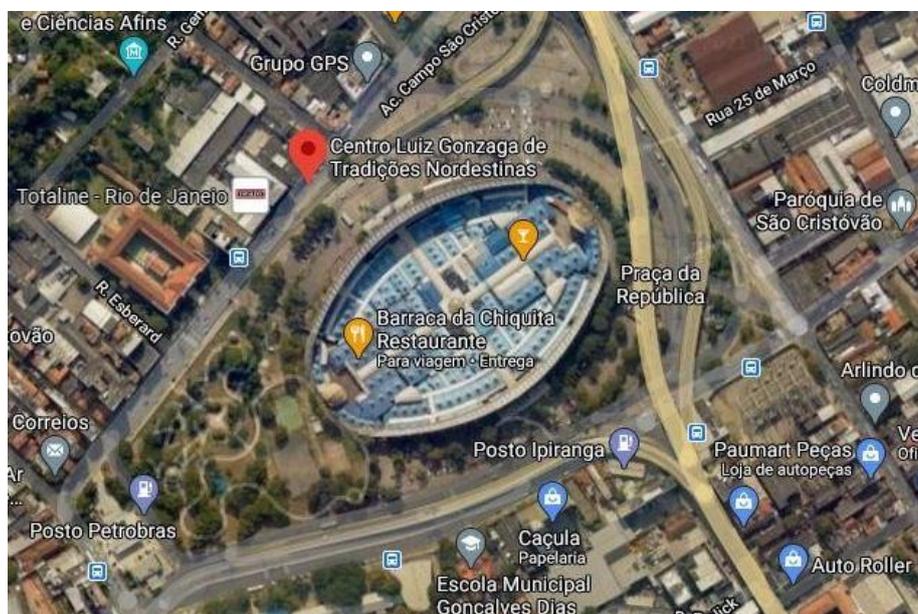


Figura 1: Mapa de Localização do Pavilhão, em São Cristóvão. Fonte: Disponível em <<https://www.google.com.br/maps/>> Acesso em 12 abr 2021.

Conhecida por abrigar características e manifestações típicas do nordeste brasileiro, como seus pratos típicos, a literatura de cordel, artesanato, danças e ritmos, o lugar atrai e é capaz de misturar cariocas, nordestinos e turistas de dentro e fora do país.

Dentro do aspecto da modernização, pretende-se investigar principalmente a entrada dos karaokês na Feira e como esse passatempo contribuiu para a frequência do público jovem no local. Criado no Japão, na década de 70, por Daisuke Inoue (ASSIS, 2021), o Karaokê foi denominado através da junção da pala Kara (de “karappo”, que significa vazio) com “oke” (do termo “okesutora” significando orquestra) e trata-se de uma máquina com instrumentais de diferentes músicas para um ou mais indivíduos acompanharem com o canto, através de um microfone.

Neste sentido, o trabalho busca discutir os fatores que tornaram possível esta inserção dos karaokês e a sua popularização, que apesar de utilizar da musicalidade e do canto, expressões artísticas também produzidas pelos nordestinos, não têm suas origens no nordeste brasileiro.

METODOLOGIA

A Feira Nordestina ou Feira dos Paraíbas, situada no bairro de São Cristóvão recebia, em média, de 5 à 8 mil visitantes durante os fins de semana (O Globo³, 2020), antes da pandemia da Covid-19. Esta pesquisa partiu de um levantamento bibliográfico em fontes oficiais e mídias diversas sobre o histórico da feira, buscando organizar informações que possibilitassem um relato de sua formação e reconstituir os elementos que conduziram a Feira de São Cristóvão à identificação com a região Nordeste do Brasil.

Visitas de Campo, realizadas em 2019, serviram tanto para construir uma análise do local como para motivar a pensar a influência cultural dos karaokês. Nestas foram realizadas abordagens aos trabalhadores de lojas de artesanato, bares, restaurantes, entre outros, bem como frequentadores e frequentadoras de diferentes faixas etárias dos karaokês e dos demais espaços. Buscou-se conversar com um grupo variado de pessoas para a comparação das respostas recebidas.

Foram entrevistadas um total de vinte e duas pessoas, antes do estado de calamidade pública iniciado em 2020 decorrente da pandemia do coronavírus, que interrompeu a extensão da pesquisa de campo. Os entrevistados foram categorizados relacionados a seguir e especificados na figura 2:



Figura 2: Porcentagem nos Tipos de Entrevistados. Fonte: Levantamento da pesquisa feito pelos autores.

³ Dados encontrados em notícia publicada em 17/01/2020, no site do jornal O Globo. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-anuncia-novos-tempos-para-feira-de-sao-cristovao-sem-resolver-problemas-antigos-24197365>> Acesso em 28 abr 2021

1. Trabalhadores em geral - selecionados a partir da abordagem em diferentes negócios em funcionamento na feira.
2. Trabalhadores nordestinos - sujeitos autodefinidos como nordestinos a partir dos relatos de identidade do primeiro perfil traçado.
3. Frequentadores em geral - público em circulação nos espaços da feira.
4. Frequentadores dos karaokês - entrevistados voluntários que no momento atividade de campo estavam presentes nos bares com karaokês.

Na intenção de avaliar qualitativamente as opiniões dos indivíduos, foi elaborado um questionário semiestruturado para cada grupo de entrevistados. No início das entrevistas, os participantes respondiam o nome, a idade, local de nascimento, se era trabalhador(a) ou frequentador(a) da Feira, e então era seguido o roteiro de perguntas de acordo com o perfil, a fim de realizar uma análise e comparação. Na figura 3 é apresentado um resumo com as principais questões definidas previamente pela pesquisa e destinadas aos entrevistados:

PRINCIPAIS PERGUNTAS FEITAS AOS ENTREVISTADOS			
TRABALHADORES EM GERAL	TRABALHADORES NORDESTINOS	FREQUENTADORES EM GERAL	FREQUENTADORES DOS KARAOKÊS
Há quanto tempo trabalha na Feira?	Há quanto tempo trabalha na Feira?	Tem parentes no Nordeste ou no Rio de Janeiro?	Tem parentes no Nordeste ou no Rio de Janeiro?
Que tipos de produtos você vende?	Que tipos de produtos você vende?	Há quanto tempo frequenta a Feira?	O que te motiva a ir aos karaokês da Feira?
A frequência dos jovens mudou nos últimos anos?	Você acredita que a Feira está perdendo sua identidade?	Tem interesse pela cultura do nordeste?	Já frequentava a Feira antes da entrada dos karaokês?
Você acredita que a Feira está perdendo sua identidade?	O que acha sobre a presença dos karaokês na Feira?	Você acredita que a Feira está perdendo sua identidade?	Os karaokês da Feira têm algum diferencial em relação aos demais?
O que acha sobre a presença dos karaokês na Feira?	Acredita que a presença dos karaokês descaracteriza a Feira?	O que acha sobre a presença dos karaokês na Feira?	O que você gosta nos karaokês e no ambiente que ele promove?
Vê algo que deveria ser mudado na Feira?	Vê algo que deveria ser mudado na Feira?	Vê algo que deveria ser mudado na Feira?	Você acredita que a Feira está perdendo sua identidade?

Figura 3 - Quadro com principais perguntas feitas aos entrevistados participantes. Fonte: Levantamento da pesquisa feito pelos autores.

DO MARGINAL A MODERNIDADE

A ocupação do espaço onde hoje é a Feira de São Cristóvão existe desde a década de 1940, porém, passou por muitas mudanças até ganhar o perfil que os frequentadores conhecem hoje. Neste período, a cidade do Rio de Janeiro, considerada por todo país como um modelo de progresso, passava por um processo de desenvolvimento e expansão urbana. A modernidade da então Capital Federal parecia uma oportunidade de emprego e mudança de vida para muitos, contribuindo para impulsionar a migração nordestina.

Chegando à cidade, o povo nordestino constituía parte do mecanismo da construção moderna, servindo como mão de obra barata. Os migrantes eram vistos como um grupo subdesenvolvido e atrasado por ser de uma parte do país considerada inferior, existia uma identidade única que ignorava a individualidade de cada pessoa. A região Nordeste era considerada uma “unidade” que na prática servia apenas a uma “(...) operação de homogeneização, que se dá na luta com as forças que dominam outros espaços regionais...” (ALBUQUERQUE JR, 2009, p.37).

Os nordestinos que chegaram ao Rio de Janeiro acabaram excluídos socialmente e passaram a ocupar alguns espaços desvalorizados e abandonados pela população carioca. O Campo de São Cristóvão foi um deles, por ser geograficamente próximo ao terminal da Estrada Rio-Bahia⁴ da cidade, local onde os migrantes desembarcavam dos caminhões paus-de-arara⁵.

A ocupação do Campo de São Cristóvão (Figura 4) foi vista como algo à parte da “civilização” e ilegal durante alguns anos. Naquele tempo, o espaço era utilizado como ponto de encontro e socialização entre os nordestinos e como resgate de memória, onde se permitiam encontrar um pouco de seu passado, sua terra natal e receber os parentes que também chegavam de viagem. Os jogos, a literatura de cordel e a música também eram parte do local, bem como as vendas e trocas de mercadorias, formando uma feira que era montada todas as semanas.

⁴ Estrada que ligava o estado do Rio de Janeiro a Bahia, rota percorrida pelos migrantes.

⁵ Paus-de-arara, caminhões que transportavam as pessoas, de forma perigosa, no local de carregamento de cargas, improvisando tábuas para servir de assento.

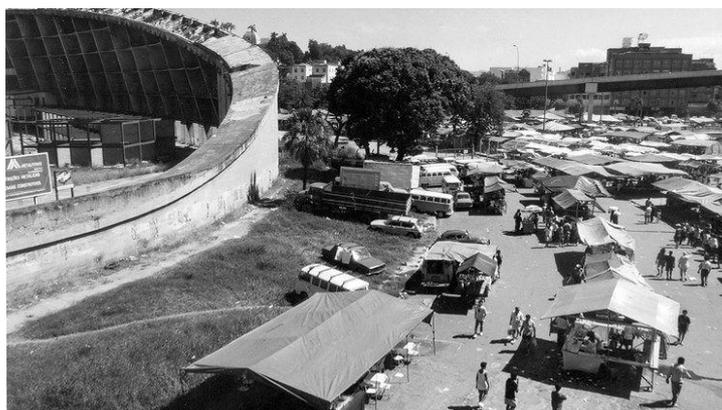


Figura 4 - Feira de São Cristóvão, em 1995, quando era realizada fora no Pavilhão. Fonte: Disponível em <https://diariodorio.com/breve-historia-da-feira-de-sao-cristovao/> Acesso em 12 abr 2021

Diversas ações foram feitas contra a permanência dos feirantes no local, órgãos de fiscalização faziam intervenções com o objetivo de removê-los, porém houveram ações de resistência e luta para que aquelas práticas pudessem continuar.

Essas ações tornaram a Feira mais organizada tanto entre os próprios usuários do local, quanto entre eles e as autoridades. Outros grupos foram formados para a defesa do espaço e outros ataques foram feitos, mas apesar de legalizada em 1982, a Feira continuou sofrendo ameaças, como em 1992, quando a Prefeitura tentou construir um shopping em seu lugar, porém, o objetivo não foi alcançado.

Várias mudanças estruturais ocorreram durante toda a história da Feira, entretanto, uma de suas maiores foi o deslocamento para dentro do Pavilhão de São Cristóvão, começando a funcionar como Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Esta alteração deu-se em 2003, a partir da intervenção do poder público e resultou na formalização do lugar no mercado cultural (NEMER, 2013).

O local antes visto como marginalizado, começou então a ser considerado um símbolo de diversidade e encontro do Nordeste com o Rio de Janeiro, sendo frequentado também por cariocas de outras classes sociais que consumiam produtos característicos de uma cultura que não era deles.

Acompanhando a modernização do município, o Pavilhão passou a contar com estacionamento, segurança, telefones públicos, banheiros, entre outros serviços. Além disso, até o início da pandemia, a abertura para público ocorria diariamente com

exceção das segundas-feiras e ocorriam diversas apresentações com danças música e literatura de cordel.

Diante de tantas modificações, muitos frequentadores antigos e tradicionais não reconheciam mais aquele espaço como preservação da memória, abandonando-o. Eles acreditavam que a transformação tornou o lugar em Centro comercial dirigido para consumidores de poder aquisitivo entre médio e alto, interessados em adquirir produtos considerados exóticos, representativos de uma cultura distante, em suas experiências e valores, praticada nos grandes centros urbanos (NEMER, 2013, p.9).

RELAÇÕES INTERCULTURAIS: DO NORDESTE AO MUNDO E VICE-VERSA

Diante dos avanços tecnológicos ocorridos na segunda metade do século XX, quando havia uma junção entre a técnica e a ciência utilizada para o funcionamento do mercado, o fluxo de informações e mercadorias começou a acelerar e tornar-se mais dinâmico. Estas transformações recorrentes do desenvolvimento tecnológico contribuíram para a consolidação do processo de globalização⁶.

O campo da cultura não ficou alheio a estas interações, pois as movimentações entre países e culturas diferentes auxiliaram para a criação do conceito de aculturação, definido na passagem: “A aculturação é o conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos (patterns) culturais iniciais de um ou dos dois grupos.” (REDFIELD; LINTON; HERSKOVITS, 1936 *apud* CUCHE, 1999 p. 115). As culturas estão em constante movimento, relacionando-se e modificando-se em um processo de construção, desconstrução e reconstrução, nunca permanecendo a mesma, sempre caracterizadas por serem mutáveis. É possível observar isto quando é afirmado que “Nenhuma cultura existe em “estado puro”, sempre igual a si mesma, sem ter jamais sofrido a mínima influência externa. O processo de aculturação é um fenômeno universal, mesmo que ele tenha formas e graus muito diversos.” (CUCHE, 1999, p. 136-137).

Assim como a aculturação ocorre no mundo inteiro e é perceptível, é notório indícios desse fator no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, o que antes era

⁶ A Globalização é um processo de aproximação entre as diversas sociedades e nações existentes por todo o mundo, seja no âmbito econômico, social, cultural ou político.

um espaço marcado somente pela cultura nordestina, atualmente é possível visualizar fragmentos de outras culturas. Isto é evidente quando se encontram dentro do espaço do Pavilhão outras opções de alimentação, objetos para consumo, vestuário e ritmos que não são típicos do nordeste do Brasil.

Porém, essas relações interculturais (ou seja, interações entre diferentes culturas) começaram a se tornar necessárias para o prosseguimento da feira e a comercialização que ocorre lá dentro, e não somente uma simples consequência do que ocorreu no resto no mundo. O Capitalismo corroborado pela globalização cooperou para que, por necessidade, muitos nordestinos abandonassem total ou parcialmente os tipos de comércios com traços de suas histórias para dar espaço para produtos industrializados ou bares de maior ressonância com o público carioca. Portanto, é uma necessidade marcada pelas ações do capital, que ilustra a soberania deste. Como estratégia de sobrevivência e apelo popular, a Feira precisou se afastar cada vez mais das suas raízes, das razões pelas quais ela mesma passou a existir, em favor de se tornar uma espécie de “centro cultural” mais amplo.

Consequentemente, o panorama da Feira se modificou. Quando se observa os aspectos materiais e imateriais de um local, automaticamente uma ligação com a cultura ali manifestada é percebida: sua história, costumes, sotaques, objetos, símbolos e formas compõem aquele ambiente, tornando-o único. E por isso os conceitos de cultura e lugar dialogam e se integram. Este segundo, tende a ser erroneamente enxergado como um sinônimo de “comunidade”, criando um conceito de lugar como algo fixo, definido e, portanto, sem necessidade de mudança. Entretanto, como é visto na passagem, o termo “lugar” é mais amplo e complexo do que a noção comum.

...em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas muito maior do que costumávamos definir para esse momento como o lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. Isso, por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local. (MASSEY, 1994, p.184)

A geografia da feira se modificou porque suas formas físicas e culturais se modificam. Os elementos materiais e imateriais que apareceram por consequência do

ato da aculturação ocorrido nela contribuíram para a construção desse novo visual. Estes cenários marcados por múltiplos estímulos e traços têm a tendência de continuar e são eles que possibilitam um aspecto particular e único.

É importante ressaltar que, apesar de estar atrelada fortemente às características regionais, a possibilidade de permanência da Feira também tem como consequência a perda parcial delas. Desde a transferência para o Pavilhão, a Feira de São Cristóvão tem introduzido elementos que destoam do cenário tradicional - que vão desde lojas de artigos de Rock, brinquedos fabricados na China, sex shops, etc - para possibilitar a entrada de novos públicos. Atualmente para sua sobrevivência, a Feira de São Cristóvão teve de adotar a cultura do “de tudo um pouco”.

Cada vez mais esta ação foi se fortalecendo: os bares com karaokês sendo exemplos disto. O karaokê foi criado no Japão, na década de 1970, e devido à globalização chegou ao Brasil. Atualmente, é um dos principais atrativos localizados na Feira de São Cristóvão, para algumas pessoas é o principal motivador. A figura 5 retrata uma cena recorrente no espaço, onde diversos grupos têm como local de encontro os bares com karaokê da Feira. Para compreender a recepção e impressão que os feirantes e frequentadores têm em relação a ele, é necessário observar suas falas e opiniões.



Figura 5 - Grupo de jovens em bar com karaokê na Feira de São Cristóvão. Fonte Disponível em <<https://glamurama.uol.com.br/que-baile-funk-que-nada-o-hype-do-rio-e-reunir-a-turma-na-feira-de-sao-cristovao/>> Acesso em 12 abr 2021

Os resultados não foram universais, alguns entrevistados acreditam que os karaokês estão “acabando com a Feira de São Cristóvão” e outros que crêem neles como a única coisa que impede a Feira de fechar as portas. Muitos trabalhadores e frequentadores, nordestinos, ou não, tiveram diferentes opiniões sobre a modernização do local, sobretudo da inserção e aparente monopolização

de karaokês no espaço. Tendo isso em consideração, os próximos capítulos serão separados em cima das percepções negativas e positivas, respectivamente.

ECLIPSE DO NORDESTE NA FEIRA NORDESTINA

A partir das entrevistas realizadas, foi possível observar diferentes posicionamentos em relação à presença dos karaokês, tendo alguns deles indo contra a presença dos mesmos na Feira. Considerável destacar que, ainda que as principais críticas negativas tenham sido feitas por trabalhadores nordestinos, nem todos foram inteiramente contra a inserção dos karaokês e diferentes materiais de comércio.

O principal ponto criticado pelos trabalhadores em geral (sendo estes 59% dos entrevistados) foi a monopolização do karaokê no espaço de tradições nordestinas, e não a existência desse elemento em si. O sucesso dessa forma de lazer explodiu nos últimos anos, eclipsando os outros setores que davam a personalidade tradicional da Feira desde seu surgimento. Dentre os funcionários entrevistados, 62% são nordestinos, cujas lojas possuem produtos comumente oriundos do Nordeste, mas com exceção da gastronomia, estes não fazem tanto sucesso como os produtos chineses voltados para o público jovem e infantil. Até as lojas de produtos culturais aderem à venda de outras mercadorias para compensar, e muitos comerciantes têm largado o artesanato para trabalhar com o karaokê.

[...]eu não gosto, particularmente eu sei que faz parte da geração de vocês, mas não tem nada a ver aqui dentro. Eu acho errado. Se eu fosse líder ou tivesse né, a gente aqui tem uma comissão de cinco pessoas, eu acabaria. Porque as pessoas são sem noção, às vezes o cliente quer comprar e eu não consigo ouvir(...) se eu trabalhar só com palha e couro eu não vendo, eu vendo pouco. Aí eu tenho que misturar, mas aí eu faço pulseira, eu tenho que botar os brinquedinhos por que vem a família e já compra, entendeu? Pra dar um suporte, porque artesanato aqui não dá. Antigamente dava, mas hoje em dia não dá. (Feirante “X” quando questionada sobre a mistura de cultura e inserção de karaokês na Feira.)

Essa problemática abre um debate sobre se o jovem possui, de fato, interesse pelas tradições culturais nordestinas e se a Feira está sendo descaracterizada para agradar esse público. A aceitação desses espaços é claramente mais popular entre frequentadores do que trabalhadores e vem transformando o próprio fluxo de consumidores. Se antes o perfil dos visitantes era principalmente familiar, uma tradição que se mantém aos domingos, para almoçarem juntos, comprarem artigos para casa ou *souvenirs*, atualmente ainda que essa parcela se mantenha ela está drasticamente

reduzida. Lojas fecham mais cedo pela falta de visitantes, e é nesse mesmo tempo que os karaokês começam a abrir suas portas. Os jovens, geralmente, universitários, não são clientes da Feira: são clientes do karaokê.

Nas palavras de alguns dos entrevistados, com o karaokê os visitantes vêm apenas para “curtir” com os amigos, não vêm com a família. Alguns compararam o local desfavoravelmente à Lapa, como um “antro de bebidas e drogas, onde a ideologia do local vai se perdendo”. O público jovem é diretamente atrelado a isso e o karaokê se torna uma espécie de símbolo catalisador dessas críticas, sendo enxergado como uma medida apelativa. Quando questionados sobre opções para tornar a convivência com os karaokês mais harmoniosa, foi levantada a questão que a música tocada deveria privilegiar os matizes do forró e axé, por se tratarem dos estilos musicais “típicos” do Nordeste. Para sobreviver, a Feira, forçadamente, adotou e acolheu outros ritmos, no entanto, a rotina disso seria o causador da descaracterização desse Centro de Tradições.

Outras críticas foram direcionadas a aspectos técnicos: muitas unidades funcionando ao mesmo tempo trazem poluição sonora que prejudicam até mesmo a comunicação entre outros vendedores com seus clientes. As ruas dentro da Feira ficam cheias, interrompendo a passagem. Alguns entrevistados mencionaram a existência de um Estatuto da Feira⁷, contendo as normas que deveriam ser seguidas por todos que trabalham lá, mas que são frequentemente ignoradas ou até mesmo desconhecidas por novos feirantes. Entre elas, a norma que os feirantes que trabalham com som deveriam obrigatoriamente ter a caixa de som virada para dentro de seus estabelecimentos ou ao menos um isolamento acústico. Caso contrário, o espaço entra em uma espécie de “guerra sonora”.

É possível notar entre os feirantes, até mesmo dos que trabalham nos karaokês, uma descrença em relação ao futuro do local. Muitos mencionaram a crise na qual o país se encontra como causadora da “desordem” da Feira. Com a queda na busca por artigos nordestinos e a busca de frequentadores por itens e formas de lazer que se diferem dessas características, existe até mesmo um medo de a Feira encerrar totalmente. O aumento exponencial de karaokês é um reflexo disso, sendo uma maneira garantida de gerar algum lucro. Nas palavras de uma frequentadora carioca de família

⁷ O Estatuto da Feira determina um modelo de organização do espaço da Feira.

pernambucana, ela respondeu que “(...) a Feira tá mais pros cariocas que pros nordestinos”, quando questionada sobre o que ela achava a respeito da “descaracterização” da Feira.

PROCESSO DE ACOLHIMENTO À DIVERSIDADE NA FEIRA

Acho que tem que ser certo, porque aqui tem de tudo, tem palco que é forró, tem os karaokês. Aqui se não fossem os karaokês agora a Feira já pode fechar as portas [...] antigamente não tinha a crise que tem hoje. Hoje o que segura a Feira é os karaokês. (Funcionário “Y” de um karaokê quando questionado sobre a mistura de culturas na Feira).

Um dos pontos criticados na modernização da Feira de São Cristóvão, a descaracterização da mesma para com suas raízes nordestinas, é também positivamente reinterpretado como um reflexo da mistura de sucesso entre tradições cariocas e nordestinas. Para os frequentadores e trabalhadores que apoiam as mudanças da Feira, tanto frequentadores dos karaokês como transeuntes e visitantes vêem essa mistura como uma forma de agradar a todos um pouco.

Nem todos os comerciantes são a favor da retirada total dos karaokês da Feira: alguns defendem apenas a diminuição dos mesmos. Estes que defendem ressaltam que é um negócio que chama público e gera empregos, assim como renda. Portanto, por mais que haja um consenso de que o número de karaokês monopolizou um espaço que deveria contemplar a participação do Nordeste em terras cariocas, não resta dúvidas de que é uma das principais portas de entrada para o público adolescente e jovem adulto conhecer e descobrir o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas.

Entre os frequentadores entrevistados (grande parte deles cariocas) haviam transeuntes que estavam visitando a Feira pela primeira vez, pessoas nordestinas ou com parentes nordestinos e frequentadores sem ligações com o Nordeste. Quando questionados se a Feira parecia estar se tornando “menos nordestina”, houve um consenso geral de que a mesma ainda é veemente centrada em tradição. O jovem que frequenta o local, não enxerga a situação de um ponto de vista tão “político” como alguns de seus trabalhadores, e sim, como uma integração natural entre a cultura carioca e a cultura do Nordeste: algo que abraça diversos públicos ao mesmo tempo, oferecendo um bom lazer e sendo financeiramente rentável.

Do mesmo modo em que se critica o som alto e a movimentação das ruas durante o período do karaokê que ocorrem nas noites de sexta e sábado, defende-se que o mesmo traz vida e energia para o local. Enquanto as demais lojas contemplam as características nordestinas, o karaokê e os novos produtos contemplariam o público carioca que procura algo diferenciado, às vezes. Além disso, o karaokê é uma forma de atrair público fora do período de festa junina, quando o local é mais movimentado.

A gente procura preservar a cultura nordestina. Eu fujo totalmente do contexto, mas eu também tenho uma finalidade. [...] logo quando a gente veio pra cá, a gente percebeu que não tinha muita coisa voltada para o público mais jovem, era tudo gastronomia, artesanato, era tudo assim muito igual e acabava que o jovem não queria ir para a Feira porque achava que não tinha nada do interesse dele. [...] e acabou caindo no gosto do público em si, do consumidor. Não da Feira, porque a Feira não gosta porque foge totalmente da cultura nordestina. [...] eu trabalho como se eu fosse um patinho feio aqui no contexto. (Feirante “Z” ao falar sobre seus produtos que “descaracterizam” a Feira).

Ao entrevistar os frequentadores dos próprios karaokês, é visível que muitos deles não costumam rodear a Feira em si, visitando-a já com a mentalidade de “ir ao karaokê”. No entanto, os mesmos defendem o espaço da Feira como um diferencial a outros karaokês que frequentam. O caráter despojado do espaço, tal como a ambientação nordestina são vistas como um atrativo que o ajuda a se diferenciar de outros considerados mais “elitistas”.

Através das entrevistas realizadas, foi possível realizar comparações acerca da percepção dos participantes sobre a inserção dos karaokês na Feira de São Cristóvão, notando os percentuais positivos e negativos, conforme a figura 6.

Percepção sobre os karaokês (%)

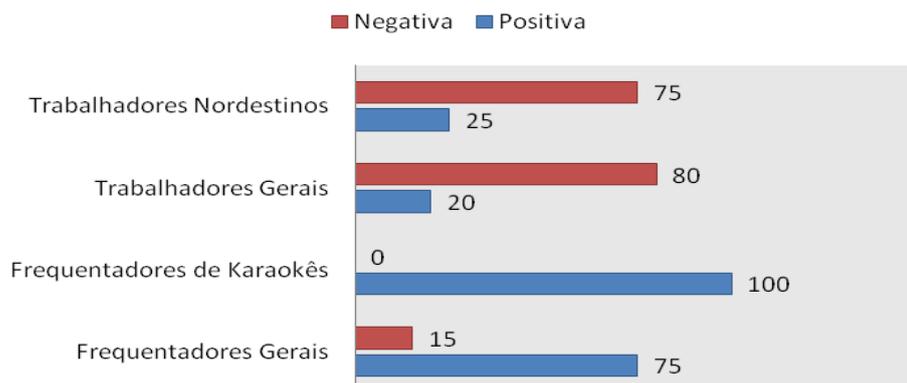


Figura 6 - Percepção sobre os Karaokês. Fonte: Levantamento da pesquisa feito pelos autores.

, há um levantamento onde encontram-se as porcentagens de opiniões positiva e negativas de cada perfil entrevistado. Ao observar a figura de maneira geral, os grupos de trabalhadores tanto que vieram do Nordeste, quanto os demais (incluindo pessoas de outras regiões além do Sudeste) tem um grande peso quando se trata da percepção negativa sobre os karaokês, enquanto os frequentadores da Feira, usuários ou não de karaokês, têm a percepção positiva. Olhando de maneira mais detalhada, entre os Trabalhadores Nordestinos, 75% deles têm a percepção negativa e 25% positiva; entre os demais trabalhadores (de outras regiões do Brasil), 80% acredita que ter karaokês na Feira é algo negativo, enquanto 20% acredita ser algo positivo; Entre os Frequentadores de Karaokês, 100% deles tem a percepção positiva; já entre os frequentadores da Feira que não vão aos Karaokês, 15% acham ser algo negativo, enquanto 75% acha ser algo positivo.

CONCLUSÃO

Dado o exposto, é possível observar que a Feira de São Cristóvão passou por muitas fases e modificações desde seu surgimento na década de 40 até o contexto atual, algumas marcadas por interferências ou tentativas de atuação do Estado. Mediante a esses fatores políticos, como também culturais, o espaço é notado como local de resistência daqueles que durante décadas sofreram repressões e preconceitos, mas que através de ações coletivas conseguiram continuar ocupando e repassando suas histórias. Contudo, diversas de suas modificações foram inevitáveis, como o fenômeno da aculturação, consequência da globalização. O local precisou mudar e se adaptar às novas formas de diálogos culturais, tendo que inserir particulares que não são do nordeste brasileiro, incluindo culturas internacionais. É possível perceber também que apesar de parecer uma opção, os feirantes não tiveram outra alternativa além da inclusão de novos aspectos em seus comércios, pois começou a se tornar uma condição para a continuidade a seus trabalhos e da Feira.

Levando em consideração as entrevistas e os aspectos observados, além de ser mais um efeito da globalização e aculturação, os karaokês foram também uma saída para muitos comerciantes que estavam com a situação financeira precária, com pouca venda de produtos típicos nordestinos, assim como uma maneira de manter parte de um

público que já frequentava, mas que sentia falta de opções diferentes de lazer e atrair novas pessoas para o local. Como efeito da inserção dos karaokês, muitos frequentadores não conhecem a Feira como um todo, vão direto para os bares que possuem essas máquinas e não usufruem de fato a cultura nordestina. Outro resultado atentado foi o aumento dos jovens com amigos nesses espaços e a diminuição de famílias para programas de passeios e almoços.

Sobre mudanças ocorridas, bem como a inserção dos karaokês, não há uma opinião unânime dos mesmos, sendo estas negativas e positivas, de acordo com o ponto de vista. Muitas questões foram apontadas pelos entrevistados, mas isso é algo relativo, pois apesar de não ser tipicamente nordestino, soma de alguma forma para aquele espaço. Porém há um consenso em relação à extrema quantidade de karaokês distribuídos pela Feira, sobre a poluição sonora causada pelos mesmos e o descumprimento de certas normas da Feira decorrente disso.

Em virtude dos fatos mencionados, algo é certo: a paisagem da Feira de São Cristóvão não é mais a mesma e provavelmente vai continuar se modificando e acompanhando o restante do Brasil e do mundo. Porém, sua essência e sua história continuam marcadas de forma material e imaterial naquele lugar, através das narrativas, da arte, da força e resistência que a população nordestina sempre mostrou possuir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de A invenção do nordeste e outras artes / Durval Muniz de Albuquerque Júnior; prefácio de Margareth Rago. — 5. ed. — São Paulo: Cortez, 2011.
- ASSIS, Rafael Freitas Batista de. Sociabilidades, apropriações e significados do espaço de uma karaoke no Espírito Santo. Disponível em: <<https://monografias.brasescola.uol.com.br/administracao-financas/sociabilidades-apropriacoes-significados-espaco-um-karaoke-no.htm>> Acesso em: 28. abril. 2021.
- CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Denys Cuche, tradução: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. Icaria Editorial, 1ª Ed, 1994.
- NEMER, Sylvia Regina Bastos. Governando Memórias: A Feira de São Cristóvão e os Novos Olhares da Governança Memorial. Rio de Janeiro, 2013.
- RIBEIRO, Geraldo. Prefeitura anuncia novos tempos para Feira de São Cristóvão, sem resolver problemas antigos. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rio/prefeitura-anuncia-novos-tempos-para-feira-de-sao-cristovao-sem-resolver-problemas-antigos-24197365>> Acesso em 28 abr 2021.